

MULHERES MIGRANTES E TRABALHO DOMÉSTICO: A trajetória laboral de duas mulheres valadarenses nos Estados Unidos

*Criscila Cristina Ramos¹
Roberto da Silva Fragale Filho²*

RESUMO

A cidade de Governador Valadares, encontra-se no estado de Minas Gerais, no Brasil, e tem uma história fortemente marcada pelo fluxo migratório de mão de obra valadarense para os Estados Unidos da América (EUA), desde a segunda metade do século XX. Isso contribuiu para a formação de uma cultura migratória na região, que se mantém dado o apoio que os valadarenses encontram nas redes migratórias, através de parentes, amigos, conhecidos e comunidades de migrantes no local de destino. Diante disso, a pesquisa nasce privilegiando a análise da trajetória laboral da mulher valadarense no solo estrangeiro com o objetivo de compreender a divisão sexual e internacional do trabalho, sob a perspectiva da desigualdade de gênero que interage com as desigualdades de classe, raça e nacionalidade nesses espaços. O presente estudo é ainda mais necessário diante do contexto pandêmico provocado pelo vírus da COVID-19, que desafia as mulheres a fazerem o processo migratório irregular, levadas em sua maioria pelo anseio de alcançarem a autonomia financeira e ajudarem a família frente às dificuldades econômicas. Já nos EUA, o ingresso no mercado de trabalho ocorre, em grande maioria, através do trabalho de reprodução (trabalho doméstico), por sê-lo a oferta de trabalho disponível para a mulher migrante, dada suas características de precariedade e informalidade. Por fim, a pesquisa se vale dos relatos orais de duas valadarenses que se arriscaram na travessia irregular, em momentos diferentes na história, para a reconstrução exemplificativa da trajetória laboral da mulher valadarense no país norte-americano, sendo uma antes da pandemia e a outra durante o contexto pandêmico, com ambas se dedicando a atividade de limpeza, na função de faxineira.

INTRODUÇÃO

A cidade de Governador Valadares, localizada no estado de Minas Gerais, conta com uma população estimada em 282.164 pessoas e uma economia concentrada em receitas oriundas de fontes externas (53,8%)³ - conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2015 – o que pode ser atribuído às remessas de imigrantes valadarenses que vivem

*A parte introdutória deste artigo foi apresentada oralmente no Grupo de Trabalho “GT 09 – Profissões, ocupações e precarização”, durante o evento 10º Seminário Interdisciplinar em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, realizado em novembro de 2021.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil. Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora, no campus de Governador Valadares (UFJF/GV), Brasil. E-mail: criscilaramos@hotmail.com

² Professor titular do Programa Pós-Graduação em Sociologia e Direito, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil. Pós-Doutor pelo Institut d'Etudes Avancées de Nantes, França. Doutor em Ciência Política pela Université de Montpellier I, França. E-mail: robertofragale@id.uff.br.

³BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>> Acesso em: 06 mar. 2022.

em outros países. A própria história da cidade está intrinsecamente ligada à história de fluxos migratórios, seja de saída ou de entrada de pessoas, especialmente com destino ao solo estadunidense. A população valadarense teria tido seu primeiro contato com o exterior a partir da presença de empresas norte-americanas em seu cotidiano, relacionadas à extração de mica (mineral) e exploração de reservas florestais (REIS; MACHADO, 2008, p. 229).

O estilo de vida diferente, o contato com uma nova língua e a convivência com os americanos teriam contribuído para a propagação de uma “América” associada à prosperidade, oportunidades e qualidade de vida, o que, ao longo do tempo, foi reforçado com o retorno de alguns imigrantes. Estes, ao voltarem, materializavam as expectativas presentes no imaginário social dos emigrantes e não-emigrantes, através da aquisição de bens materiais, como a casa própria⁴ e narrativas de histórias “bem sucedidas”.

Ao lado das migrações de retorno e as redes de apoio - compostas de pessoas nos países de origem e destino, em sua maioria parentes, amigos ou conhecidos -, somada à existência de grupos de migrantes ou comunidades brasileiras no país receptor - atuando como pontos de referências para os imigrantes, apoiando-os na acomodação, alimentação e inserção no mercado de trabalho -, a ação de migrar ganha contornos que torna o “sonho americano” possível. Com isso, o comportamento migratório é encorajado e se torna uma saída diante dos efeitos comumente deixados por crises econômica, política e sanitária que assolam o país.

Em 2021, o número de brasileiros realizando a travessia irregular pela fronteira sul dos Estados Unidos bateu recorde histórico com 56.881 detidos, um aumento de 700% em relação ao mesmo período de 2020.⁵ Muito embora esses projetos migratórios sejam realizados principalmente pelos homens/maridos/pais (REIS; MACHADO, 2008, p. 233), como reflexo de escolhas fundamentadas nas relações de gênero e poder dentro dos domicílios, as mulheres também se inserem nesse projeto, em sua maioria migrando em grupos familiares, mas também sozinhas, em busca de autonomia e oportunidades e para fugir de discriminações nos locais de origem (ASSIS; SIQUEIRA, 2009, p. 44).

Diante disso, a pesquisa surge com o anseio de, através dos relatos orais de duas mulheres imigrantes valadarenses, compreender a divisão sexual e internacional do trabalho,

⁴ Segundo Reis e Machado (2008), “A conquista da casa própria tem uma dimensão importante na vida dessas pessoas. A intenção e o desejo em obtê-la não devem ser entendidos apenas como a busca pela compra de um bem devido ao seu valor material ou pelo prestígio conferido a quem lhe possui em decorrência do seu valor econômico”. A aquisição da casa estaria diretamente relacionada a busca por autonomia na organização da própria vida (p. 231).

⁵ BARRUCHO, Luis. 57 mil detidos: número de brasileiros cruzando fronteira do México para EUA aumenta 8 vezes em um ano e bate recorde. *BBC News Brasil*, 22 Out. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59018135>> Acesso em: 06 mar. 2022.

sob a perspectiva da desigualdade de gênero, que interage com as desigualdades de classe, raça e nacionalidade nesses espaços. Adverte-se ao leitor que se trata da tentativa de reconstituição exemplificativa da trajetória laboral da imigrante valadarense nos EUA, com o objetivo de dar visibilidade a certas características da atividade comumente desempenhada por estas mulheres e que se revelam embutidas em uma certa hierarquia de gênero.

Para tanto, utiliza-se de entrevista semiestruturada, na modalidade presencial com a entrevistada Larissa, e virtual com a entrevistada Nilda, com o intuito de responder às seguintes perguntas-problema: Como as experiências laborais das duas imigrantes valadarenses nos EUA nos ajudam a compreender a divisão sexual e internacional do trabalho? Quais os postos de trabalho são frequentemente ocupados pelas mulheres imigrantes no país norte-americano? Quais são as principais características dessa atividade profissional? A pandemia causada pelo vírus da COVID-19 alterou o funcionamento normal das atividades?

Assim, a estrutura do trabalho final envolve em um primeiro momento a análise da construção do gênero na esfera laboral e o trabalho doméstico como uma atividade tipicamente feminina, dialogando com as desigualdades de classe, raça e nacionalidade. E, no segundo momento, são narradas as experiências laborais das imigrantes valadarenses em solo americano, com suas aspirações e desafios, em momentos diferentes na história.

1. A interface entre migração, gênero e trabalho doméstico

A emigração internacional brasileira é um fenômeno essencialmente marcado pelas várias facetas das desigualdades. Estas mesmas desigualdades que funcionam como a razão da saída de muitas mulheres em busca de independência financeira e fuga do tratamento desigual entre os sexos no país de origem, também marcam frequentemente as oportunidades de trabalho que essas mulheres encontrarão no país de destino, geralmente ocupando-se do trabalho doméstico por sê-lo a oferta de trabalho disponível para a mulher imigrante dada suas características de precariedade e informalidade.

Nesse sentido, Hondagneu-Sotelo; Estrada e Ramírez (2011) nos ajuda a visualizar como a desigualdade de gênero dialoga com as desigualdades de classe, raça e nacionalidade no contexto migratório:

No século XX, também houve oportunidades de emprego público que se abriram para as mulheres nos Estados Unidos, Espanha e outros países. Como já se é bem conhecido, esta feminização da força laboral foi seguida pela feminização da força de trabalho global, com as mulheres das nações mais pobres que migram através de continentes e oceanos para fazer as tarefas domésticas abandonadas por outras

mulheres. Mulheres privilegiadas dos países ricos puderam, assim, transferir a carga de trabalho de reprodução social a outras mulheres que estão a elas subordinadas por questões de raça, classe, idioma, nacionalidade e cidadania. Assim, o trabalho doméstico segue sendo uma ocupação de gênero, mas que traz consigo novas relações entre os diferentes grupos de mulheres (HONDAGNEU-SOTELO; ESTRADA; RAMÍREZ, 2011, p. 811, tradução nossa).⁶

Essa interface das migrações com as desigualdades entre os diferentes grupos de mulheres também foi objeto de estudo por outros autores, como Thaysa A. D. Rodrigues (2018), que se dedicou a análise das trajetórias laborais de mulheres migrantes de origem latino-americana que vivem na Espanha.

Para a autora, a construção de gênero está presente mesmo na sociedade de destino, ao estabelecer o trabalho doméstico como tradicionalmente feminino – mais precarizado e desvalorizado. Isso contribui para que ocorram as migrações voltadas para o preenchimento destes espaços no mercado de trabalho que, diante da hierarquia do sistema internacional e das consequentes desigualdades entre os países do Norte e Sul globais, são vistos pelas mulheres migrantes como uma oportunidade para ganhar salários mais altos e melhorarem a vida daqueles que ficam, mediante o envio de remessas ou da reagrupação familiar (RODRIGUES, 2018, p. 30).

Por outro lado, percebe-se que as desigualdades de gênero, classe e raça se fazem presentes na vida das mulheres migrantes mesmo antes no país de origem, elementos que se mostram determinantes para a decisão de realizar o processo migratório indocumentado. Essas mesmas desigualdades parecem seguir no país de destino com a manutenção da oferta de postos de trabalhos mais precarizados e informais dadas às condições de trabalho dos imigrantes, geralmente advindos da classe pobre ou média-baixa e em condição de maior vulnerabilidade, por se encontrarem em situação irregular.

É, assim, que a análise da experiência laboral das duas mulheres imigrantes valadarenses nessa pesquisa, como vivências ilustrativas da pluralidade, permitir-nos-á tecer as primeiras compreensões de como ocorre na prática a inserção das mulheres migrantes nos trabalhos de reprodução nos Estados Unidos e suas condições de trabalho, atento às mudanças que ocorreram na função diante do contexto pandêmico da COVID-19.

⁶ “En el siglo xx, hubo también oportunidades de empleo público que se abrieron a las mujeres en los Estados Unidos, España y otros países. Como ya es bien conocido, esta feminización de la fuerza laboral fue seguida por la feminización de la fuerza de trabajo global, con las mujeres de las naciones más pobres que migran a través de continentes y océanos para hacer las tareas domésticas abandonadas por otras mujeres. Mujeres privilegiadas de los países ricos pudieron, así, transferir la carga de trabajo de reproducción social a otras mujeres que están subordinadas a ellas por cuestiones de raza, clase, idioma, nacionalidad y ciudadanía. Así, el trabajo doméstico sigue siendo una ocupación de género, pero que trae consigo nuevas relaciones entre los diferentes grupos de mujeres.”

2. Mulheres imigrantes valadarenses nos EUA: A faxina antes e durante a pandemia

Larissa⁷ – a faxina antes da pandemia

Larissa, valadarense, autodeclarada branca, realizou o processo migratório irregular de Governador Valadares para os EUA com 21 anos e morou no país por dez anos, entre 2002 e 2012. Tinha o ensino médio completo e trabalhava em Valadares como agente de saúde, recebendo menos que um salário mínimo à época. A decisão de migrar surgiu com o desejo de adquirir a casa própria e alcançar a independência financeira⁸, o que se tornou possível com a ajuda do companheiro, que já estava no país de destino e que teria mobilizado as redes de contato para a realização do projeto migratório indocumentado.

O companheiro era a única pessoa que ela conhecia nos EUA, e sua inserção no mercado de trabalho foi facilitada por sua interferência, já que não falava inglês ou mesmo compreendia o novo idioma. Ao chegar ao país, a valadarense trabalhou com seu companheiro na limpeza de um supermercado, com uma jornada extensa, de segunda a segunda, sem folga, no horário de meia noite às sete horas da manhã⁹. Na época, ela ganhava 450 dólares por semana e ele 500 dólares.

Larissa relatou também não ter sofrido discriminação por ser mulher e migrante no local de trabalho, mas em outro momento afirma que as mulheres migrantes encontram dificuldades em ocupar outros espaços na sociedade, o que na sua opinião ocorre devido aos imigrantes não possuírem documentos. Para ela, as mulheres se concentram na limpeza e outras podem ainda se dedicar a dança.

Você acha que é possível depois de um tempo elas irem ocupando outros espaços na sociedade, outras funções, com melhores remunerações?

Olha, eu acho que é só mesmo quem se envolve lá com americano, que casa, pra conseguir outro patamar de emprego, senão não consegue. Não tem outra forma, eles

⁷ Durante a pesquisa, preservou-se a identidade da entrevistada, que recebeu o nome fictício de “Larissa”. A entrevista realizou-se em 26/10/2021, na casa da entrevistada, em Governador Valadares. A conversa ocorreu após o almoço, em uma terça-feira, e durou 24 minutos.

⁸ Assis e Siqueira traz em seu texto que “os primeiros emigrantes da cidade de Governador Valadares partiram para os EUA não apenas por razões econômicas e sim pela aventura e pela curiosidade de conhecer um país que consideravam rico, desenvolvido e cheio de oportunidades” (2009, p. 33-34).

⁹ “Nos Estados Unidos, os imigrantes sem documentos são comumente mais jovens, vivem há menos tempo no país e têm menor proficiência em inglês, um conjunto que dificulta a obtenção de empregos e de estabilidade econômica. Os imigrantes não legalizados tendem, portanto, a trabalhar em empregos informais, menos qualificados e de menor status social” (SIQUEIRA, SOARES, ARAÚJO, TRACY, 2016, p. 5).

não contratam quem é imigrante, você tem que ter documento pra eles te contratar, pra você conseguir um emprego bom, sabe? Então, as que dá sorte lá e casam com americano, elas sim têm emprego bom, elas conseguem arrumar emprego bom. Eu conheci uma lá que ela trabalhava no consulado brasileiro, mas ela tinha documento. E ela foi ilegal também, ela casou com um americano. Então, quem se envolve com americano e casa tem essa oportunidade, mas quem se envolve com brasileiro ou já vai casada, essa não tem outra coisa pra fazer não, é só isso mesmo, limpar casa mesmo, porque eles não exigem documento, né?

Após ter engravidado, Larissa decidiu não mais trabalhar à noite no supermercado, procurando outra atividade para exercer devido os cuidados que seu estado gravídico exigia. Nesse momento, nossa entrevistada relata ter encontrado muita dificuldade por não poder contar com a ajuda de brasileiros¹⁰, afirmando que eles costumam atrapalhar outros brasileiros e não gostam de ajudar. Ela relata que teve que pagar pelo serviço, comprando um *schedule* de casas de um casal que estava retornando para o Brasil, sendo uma portuguesa e um brasileiro, primo do seu companheiro.

Salienta-se que nos EUA, o *schedule* consiste na compra e venda de casas para faxina, um negócio muito comum e rentável entre as imigrantes. Uma mulher migrante, recém-chegada no país, sem falar o idioma e sem referência de antigos patrões, certamente demorará muito tempo até conseguir um volume de clientes fixos (casas para limpar), motivo pela qual torna-se interessante e mais lucrativo a compra de “*schedule* de limpeza” de outras imigrantes. O valor do *schedule* geralmente é negociado livremente entre as partes.

Na época, Larissa comprou um *schedule* de vinte casas, por aproximadamente US\$ 10.000,00, o que com o tempo chegou a quarenta casas, em razão do bom trabalho que produzia, garantindo a fidelidade de seus clientes. É comum que quem está vendendo informe aos donos das casas que ficará ausente por um tempo, apresentando a compradora apenas como sua substituta. A negociação da compra do *schedule* acontece em sigilo, sem que os patrões tenham conhecimento de que sua casa foi vendida, assim também a trabalhadora doméstica que se ausenta não retorna aos EUA, porque não tem documento. Nesse momento, questionada sobre a organização do tempo para a limpeza de todas as suas casas, Larissa responde:

¹⁰ Conforme Assis e Siqueira, “Se, por um lado, a compreensão do processo migratório a partir do enfoque nas redes sociais aponta para a importância das relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e de destino, o que os auxilia nos primeiros momentos da vida em um novo lugar, por outro lado, revela também que essas são fonte de ambiguidade e conflito. Em decorrência disso, muitas vezes os migrantes recém-chegados são explorados por seus conterrâneos; assim, tais relações seriam a base não só para a solidariedade e a ajuda mútua, mas também para a divisão e o conflito étnico. Tal ambiguidade foi igualmente observada por Martes, ao analisar o comércio de faxina entre as imigrantes brasileiras em Boston.” (2009, p. 33)

Então, as casas lá eles não limpam todos os dias, lá é assim: tem casa que é limpada uma vez na semana, tem casa que é limpada de quinze em quinze dias e tem casa que é uma vez no mês. Então você monta um *schedule*, não sei como fala em português, a gente fala *schedule* porque a gente monta lá e é tudo por horário. Cada casa, no máximo que você gasta limpando é duas horas, então no dia dá pra gente limpar quatro cinco casas num dia, dependendo, se as casas forem tudo na mesma cidade, você limpa umas cinco casas, entendeu? Mas, eu limpava na maioria dos dias eram quatro casas.

Na atividade de faxina, Larissa trabalhava de segunda a sábado, sendo que sábado geralmente limpava uma ou duas casas, e folgava no domingo. Relata ainda que na época em que morava em Connecticut/EUA já tinham muitos brasileiros no estado, principalmente de Governador Valadares e região: “*É, a maioria do povo que está lá é só a região aqui de Valadares, tipo assim, Galileia, Conselheiro Pena, São Geraldo, só esses lugares aqui perto de Valadares mesmo. Capital Andrade, esses lugares*”.

Você conheceu outras valadarenses que trabalhavam na atividade doméstica?

Sim, a maioria que tá lá trabalha nessa atividade que é limpar casa, (...) trabalho em restaurante, limpando restaurante, que a única coisa que tem lá pra mulher fazer é isso, porque construção é mais para homem, pintura é pra homem, então só tem essas duas coisas lá.

Assim, para a entrevistada, a maioria das mulheres valadarenses se concentram na atividade de limpeza, apesar de existir casos de mulheres também na área de construção. Nesse ponto, torna-se interessante acrescentar que alguns estudos prévios demonstraram que mais de 90% do trabalho doméstico são realizados por mulheres, sendo que no caso das imigrantes brasileiras nos Estados Unidos, trata-se de ocupação atrativa, pois não exige formação específica, fluência em inglês e ainda garante retorno financeiro satisfatório (SIQUEIRA, SOARES, ARAÚJO, TRACY, 2016, p. 3)¹¹.

Por outro lado, um ponto que parece comum da condição de imigrante é o sentimento de solidão¹². Larissa, como muitas outras, tinha uma rotina de trabalho exaustiva e laborava em aparentes condições de trabalho precárias, ditadas pela necessidade de limpar várias casas por dia em um ritmo acelerado, sobrando-lhe poucas horas para serem desfrutadas com seus pares, inclusive, familiares.

¹¹ Siqueira, Soares, Araújo e Tracy explicam que como consequência da falta de domínio do idioma, muitas imigrantes brasileiras seriam levadas a trabalhar como ajudantes (*helpers* em inglês) de domésticas com maior proficiência em inglês e maior conhecimento sobre como funciona o mercado de trabalho local, as chamadas “donas do negócio”, o que as colocariam em piores condições de trabalho (2016, p. 5).

¹² Essa solidão também seria própria da ocupação de doméstica. Para Saffioti, “Além da monotonia do serviço, um dos grandes dramas da ocupação de doméstica é a solidão. De fato, a empregada doméstica não tem um grupo de trabalho no qual integrar-se” (1978, p. 75).

Nilda¹³ – a faxina depois da pandemia

Nilda, autodeclarada parda, 25 anos, ensino superior incompleto, era auxiliar administrativo em Vitória, no estado do Espírito Santo, no Brasil. Vivia com seu companheiro nessa cidade, ambos originários de Governador Valadares, e, juntos, decidiram por realizar o processo migratório indocumentado para os Estados Unidos. Com o sonho de alcançar a independência financeira, comprar sua casa e seu carro, chegou nos Estados Unidos em dezembro de 2021. Hoje, Nilda mora no estado de Massachussets/EUA, onde divide a moradia com seu marido e mais cinco pessoas, todos familiares em condição de imigrantes indocumentados.

A entrevistada, que faz faxina de casas, encontrou a primeira oportunidade de trabalho poucas semanas depois de chegar no país norte-americano, em janeiro de 2022. Já seu companheiro trabalha com a pintura de casas. Mesmo laborando na informalidade e não tendo nenhuma experiência na função, ao seu ver, o trabalho na faxina ainda sim compensa: *“Sim, muito mais vantajoso. Aqui eu consigo fazer muito mais dinheiro do que eu faria em praticamente um ano de trabalho. Em um ano de trabalho no Brasil eu faria aqui muito mais rápido, entendeu? Quatro meses, talvez. Três meses.”*. *“É o que eu imaginava e é a oportunidade que tem aqui pra imigrante. Só pra trabalhar com limpeza mesmo. A maioria das áreas é isso.”*¹⁴.

Na atividade de faxina, Nilda trabalha de segunda a sexta, com um horário aproximável de 8h às 16h, o que pode oscilar a depender do número de casas e o tempo despendido na limpeza de cada uma delas. Nesse ritmo acelerado de trabalho, a pausa para a alimentação fica prejudicada: *“A gente come no trajeto de uma casa a outra, dentro do carro.”*. Atualmente, a nossa entrevistada limpa de 25 a 30 casas por semana, mas espera trabalhar mais no verão.

Para Fleischer, as quatro vantagens, remuneração, autonomia, pouca necessidade do inglês e ser um trabalho tradicionalmente feminino são as justificativas mais recorrentes para o

¹³ Durante a pesquisa, preservou-se a identidade da entrevistada, que recebeu o nome fictício de “Nilda”. A entrevista realizou-se em 16/02/2022, na modalidade on-line (via WhatsApp) com Nilda em sua casa, no estado de Massachussets/EUA, e essa entrevistadora também em sua casa, em Governador Valadares, no estado de Minas Gerais/Brasil. A conversa aconteceu no final do dia, quando Nilda já havia finalizado a limpeza das casas. A entrevista teve a duração de quase 34 minutos.

¹⁴ Também para as entrevistadas de Fleischer (2002, p. 253), “o trabalho doméstico tem um baixo status nos EUA e no Brasil, mas que, no primeiro país, elas trabalham menos e conseguem realizar os projetos envolvidos em suas migrações. Os americanos não desejam trabalhar como *housecleaners*, mas estão dispostos a pagar para quem o faça. Assim, apesar do baixo status da profissão, dentre os trabalhos de migrantes, o *housecleaning* é bastante valorizado e o sucesso financeiro e empresarial destaca estas brasileiras na comunidade étnica.”

investimento no *housecleaning*¹⁵ (2002, p. 90). Nilda também não tem o domínio do inglês, o que a leva a manter um contato mínimo com os donos da casa. Além disso, o fato de trabalhar para uma companhia brasileira a dispensa da necessidade de negociar o preço e as condições da limpeza diretamente com os donos da casa.

Quando questionada acerca das condições de trabalho, Nilda reclama da inexistência da pausa para o almoço: “*É péssima essa parte de alimentação. Não tem pausa.*”. Apesar disso avalia suas condições de trabalho como boa. A empresa oferece os equipamentos de proteção individual (EPI’s), como luvas e máscaras, e incentiva o uso pelos funcionários. Todavia, não é fornecido nenhum treinamento prévio ao início das atividades e nem sempre os EPI’s são utilizados: “*Como eu trabalho com limpeza, a luva não me deixa sentir que algo está limpo*”.

Muitas imigrantes valorizam muito a limpeza das primeiras casas, pois isso pode determinar o seu crescimento nesse nicho ocupacional. Todavia, a preocupação com a melhor limpeza, no menor tempo, pode resultar em riscos à saúde, os quais estas mulheres estão dispostas a correr. Um dos riscos diretos decorre do manuseio de produtos químicos, como o cloro. Além disso, o início na profissão é ainda acompanhado de um processo de adaptação muito difícil, devido à exaustão e as dores no final do dia: “*Todo início é muito difícil, inclusive limpeza, porque eu não tinha experiência. Então, muito cansativo, muito exaustivo, mas a gente vai vencendo.*”

A entrevistada conta também que há casos em que se chega a trabalhar mais que o combinado: “*(...) às vezes você vai fazer uma casa e te falam o que você vai fazer. Você vai fazer um banheiro, uma cozinha pequena, aí você chega e é uma casa muito grande, nesses quesitos assim.*”. Em outras situações, pode acontecer da limpeza da casa ser cancelada pelos donos em cima da hora, sem qualquer aviso com antecedência. Assim, a partir do universo experimentado, Nilda é levada a concluir que não possui nenhum direito trabalhista ou garantia de proteção social.

CONCLUSÕES

A pesquisa tem como objeto a reconstrução da trajetória laboral de duas mulheres valadarenses que viveram nos Estados Unidos, em períodos diferentes na história. Larissa, com 21 anos, morou no país norte-americano entre 2002 e 2012. Já Nilda, 25 anos, chegou nos

¹⁵ Limpeza de casa, em português.

Estados Unidos em dezembro de 2021, durante a pandemia da COVID-19 que assolou o mundo e continua ali até hoje. Ambas se dedicando a atividade de limpeza, na função de faxineira.

A leitura dos textos acadêmicos sobre migração, gênero e trabalho, somada à entrevista semiestruturada presencial concedida pela nossa entrevistada Letícia, e, na modalidade on-line (via WhatsApp) com a entrevistada Nilda, permitiram-nos concluir que a interseccionalidade entre gênero, classe, raça e nacionalidade ajuda a explicar postos sexualmente segregados no país norte-americano, incorporando as mulheres migrantes valadarenses, em sua maioria, no trabalho doméstico, por sê-la uma ocupação considerada tipicamente feminina, marcada pela informalidade e precariedade, inclusive, dispensando a fluência no idioma inglês.

Nesse sentido, a pesquisa revelou que a divisão sexual do trabalho no Brasil reflete as primeiras ocupações que as mulheres imigrantes procuram assim que chegam nos EUA, a exemplo das entrevistadas. Por estarem habituadas às ocupações consideradas como tipicamente femininas, muitas mulheres já saem do seu país com expectativas marcadas por essas características, e, mais uma vez, precisam lidar com o acúmulo de tarefas que deriva do trabalho fora somada aos afazeres do lar.

Fleischer nos lembra que esta divisão tende, aos poucos, ser relativizada pelos objetivos da migração (2002, p. 88). Todavia, as experiências narradas neste trabalho nos mostraram que as dificuldades de socialização das imigrantes recém-chegadas no novo país e da incorporação da nova cultura, especialmente pela ausência de domínio do idioma, acabam atraindo cada vez mais trabalhadoras para esse nicho ocupacional (faxina), tornando a divisão sexual do trabalho uma problemática atual.

Além disso, como visto, as mulheres precisam lidar com a extensa jornada de trabalho, organizando seu tempo para realizarem a limpeza de várias casas ao dia. Só desse modo elas conseguem um retorno satisfatório, o que viabiliza a ajuda às famílias no país de origem, através do envio de remessas, enquanto conciliam a falta de tempo para si com a saudade daqueles que estão longe. Nesse ponto, acrescenta-se que embora seja possível encontrar homens nas tarefas domésticas, tratam-se de espaços onde a presença feminina é predominante, como nos fez perceber os relatos orais das entrevistadas e os estudos de Siqueira; Soares; Araújo e Tracy (2016).

No mais, restou demonstrado que apesar de serem fornecidos equipamentos de proteção individual às trabalhadoras imigrantes, eles se tornam insuficientes quando não acompanhados de treinamento prévio que alertem para a importância de seu uso e, principalmente, quando se impõe à imigrante uma jornada exaustiva de trabalho e em contrapartida exigem rapidez e qualidade. Já em relação ao contexto pandêmico, percebe-se que as mulheres imigrantes estão

ainda mais vulneráveis ao risco de contaminação pela COVID-19, devido à atividade exercida, suas condições de trabalho, e, especialmente, a situação de ilegalidade que lhes impossibilitam de ocuparem outras funções ou mesmo negociarem por direitos com os e as quem as contratam.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Glaucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 17, n. 32, 2009.

BARRUCHO, Luis. 57 mil detidos: número de brasileiros cruzando fronteira do México para EUA aumenta 8 vezes em um ano e bate recorde. *BBC News Brasil*, 22 Out. 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59018135>> Acesso em: 06 mar. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>> Acesso em: 06 mar. 2022.

FLEISCHER, Soraya Resende. *Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachussets*. São Paulo: Annablume, 2002.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette; ESTRADA, Emir; RAMÍREZ, Hernán. Más allá de la domesticidad: un análisis de género de los trabajos de los inmigrantes en el sector informal. *Papers*, v. 96, p. 805-824, 2011. Disponível em: < https://papers.uab.cat/article/view/v96-n3-hondagneu_sotelo-estrada-ramirez/423> Acesso em: 19 Dez. 2021.

REIS, Ellem Saraiva; MACHADO, Igor José de Renó. Imigração, risco e família. Novas configurações familiares e direitos humanos em Governador Valadares. *REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 16, n. 31, p. 229-237, 2008.

RODRIGUES, Thaysa Andréia de Miranda. *Migração e trabalho doméstico: trajetórias laborais de mulheres latino-americanas na Espanha*. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9097>. Acesso em: 25 out. 2021.

SAFIOTTI, Helleithi Iara Bongiovani. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SIQUEIRA, C. Eduardo; SOARES, Gabriella Barreto; ARAÚJO, Pedro Luiz de.; TRACY, Maria Natalicia. Documento faz diferença: o caso das trabalhadoras domésticas brasileiras em Massachusetts, Estados Unidos. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 32, 2016.